

O EMPREGO DE ILUSTRAÇÕES COMO MECANISMOS DE ELUCIDAÇÃO DO SIGNIFICADO DAS UNIDADES LÉXICAS NOS DICIONÁRIOS SEMASIOLÓGICOS

Virginia Sita FARIAS*

ABSTRACT: Meaning is the main information stored in dictionaries. This paper aims at analyzing the use of pictorial illustrations as a way of explaining meaning in semasiological dictionaries. For this purpose, the pictorial illustrations will be examined, taking into account the following factors: (a) the relationship between the type of dictionary and the use of pictures; (b) the effectiveness of the pictorial representation for immediate recognition / comprehension of the (predominantly) nouns and verbs; (c) the resolution and quality of printed images, and (d) the connection between pictorial illustrations (middle matter) and other component parts by means of the cross-reference structure.

KEYWORDS: semasiological dictionary; meaning; definition; pictorial illustrations.

1. Introdução

É comum a menção ao significado como a informação mais procurada pelos consulentes em dicionários semasiológicos¹ (cf. HARTMANN, 2001, p. 82; JACKSON, 2002, p. 71; LEW, 2009). Por essa razão, o segmento informativo dedicado à explanação do conteúdo semântico das unidades léxicas é tradicionalmente considerado o mais importante no interior da microestrutura desse tipo de obra (cf. HAUSMANN, 1989; LANDAU, 2001, p. 8-9). Assim, não nos deve surpreender a abundância de trabalhos que abordam a questão da definição lexicográfica, tanto de cunho analítico (cf. BENEDUZI, 2004; LEW; DZIEMIANKO, 2006a; 2006b; RUNDELL, 2008; FARIAS, 2009a; 2009b) quanto de cunho propositivo (cf. POTTIER, 1977; HAENSCH et al., 1982, p. 259-285; BOSQUE, 1982; WERNER, 1984; SVÉNSEN, 1993, p. 112-139; MARTÍNEZ DE SOUZA, 1995, s.v. *definición lingüística*; SECO, 2003, p. 25-58; HANKS, 2003; GEERAERTS, 2003). Contudo, a despeito da profusão de trabalhos que versam sobre os mais diversos problemas concernentes à elaboração das paráfrases definidoras, ainda não dispomos de estudos que ofereçam uma resposta completamente satisfatória para a questão da formulação desse segmento informativo (cf. BUGUEÑO, 2009).

Em Farias (2008), propôs-se uma classificação das paráfrases definidoras baseada na oposição transparência/opacidade: (a) paráfrases transparentes, que conseguem dar conta de esclarecer o significado da unidade léxica sem necessidade de elementos complementares, e (b) paráfrases opacas, que não esclarecem o significado da unidade léxica. Dentro do segundo grupo, estabeleceu-se uma nova divisão entre: (i) paráfrases opacas deficitárias, nas quais fica

* Mestre em Estudos da Linguagem/Lexicografia e Terminologia; Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

¹ A distinção entre semasiologia e onomasiologia fundamenta-se no ponto de partida do ato da consulta, o significante ou o significado, respectivamente (cf. BALDINGER, 1985, p. 42-43), e possibilita estabelecer uma oposição entre dicionários semasiológicos e onomasiológicos. Os dicionários semasiológicos têm como principal característica apresentar paráfrases definidoras, enquanto os dicionários onomasiológicos caracterizam-se pelo estabelecimento de relações conceituais entre as palavras, a exemplo do *thesaurus*, dos dicionários de sinônimos/antônimos, dos dicionários pela imagem, ou mesmo dos dicionários bilíngues (cf. HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *semasiological dictionary* e s.v. *onomasiological dictionary*).

evidente a falta de critérios da obra no que diz respeito à elaboração das definições², e (ii) paráfrases opacas propriamente ditas, relativas a unidades léxicas que, por sua natureza, são bastante difíceis de definir. Diante desse panorama, são pertinentes os seguintes questionamentos:

- a) a obtenção de paráfrases elucidativas em todos os casos é um problema apenas de método, ou seria também um problema de objeto?
- b) pressupondo que a obtenção de paráfrases elucidativas depende também de uma limitação intrínseca à natureza do objeto, em que condições seria lícito (ou mesmo necessário) o emprego de mecanismos alternativos para auxiliar na elucidação do significado?

A definição é, efetivamente, um método que apresenta limitações. Isso se explica, em grande parte, pelo fato de que as palavras são, ao mesmo tempo, o *objeto* e a *ferramenta* de trabalho do lexicógrafo: o significado de uma palavra é convencionalmente explanado por meio de outras palavras (cf. LEW, 2009). Ademais, segundo Bolinger (2008, p. 193), “Undamaged definition is impossible because we know our words not as individual bits but as parts of [...] lexicalized sentence stems, [...] conveniently memorized to repeat – and adapt – as the occasion arises”. Não obstante, em uma infinidade de casos, é perfeitamente possível apresentar definições elucidativas – considerando que as paráfrases opacas deficitárias, se reformuladas, também poderiam tornar-se aceitáveis. Isso nos leva a crer que a impossibilidade de se gerar paráfrases satisfatórias em determinadas circunstâncias não se deve apenas a um problema de método, mas também de objeto. Haveria, portanto, unidades léxicas que, por alguma razão inerente à sua natureza, seriam mais difíceis de definir do que outras. Citamos, a título de ilustração, as designações pertencentes a taxonomias fechadas (como os graus militares), os nomes de animais, plantas, frutos e cores, bem como os substantivos de ação (cf. LANDAU, 2001, p. 180; FARIAS, 2009a). Outro exemplo claro são as palavras gramaticais, tais como preposições e conjunções (cf. FORNARI, 2008)³. Nesses casos, a solução seria o emprego de mecanismos explanatórios complementares, linguísticos ou não linguísticos. Dentre os mecanismos linguísticos, destacamos a indicação de sinônimos (cf. FARIAS, 2009c, p. 209-211; BUGUEÑO; FARIAS, 2010), o uso de informações adicionais de cunho extralinguístico (cf. BURKE, 2003, p. 247-248; BENEDUZI; BUGUEÑO; FARIAS, 2005) e os exemplos (cf. FARIAS, 2008). Como recursos não linguísticos, citamos os elementos pictóricos (desenhos, fotografias), dos quais nos ocuparemos neste trabalho. Nosso objetivo, portanto, é, tendo em vista as considerações precedentes, avaliar a apresentação de ilustrações nos dicionários semasiológicos.

² Conforme Bugueño; Farias (2009b, p. 59-68), os principais problemas encontrados nas paráfrases definidoras são: (a) metodológicos, caracterizados pelo descumprimento de parâmetros como os apresentados em Martínez de Souza (1995) e Seco (2003) (por exemplo, a definição circular de MiAu 2005, s.v. *opilação* “Ato ou efeito de opilar(-se)”), (b) de redação propriamente tais, que refletem uma inadequação da linguagem utilizada na formulação da paráfrase (por exemplo, a definição de DUEe, 2001, s.v. *papaverina* “Alcaloide del opio, que tiene acción antiespasmódica”) e (c) de ausência de correspondência entre o conteúdo sêmico da unidade definida e o conteúdo sêmico da paráfrase definidora (por exemplo, a definição de NDW, 2007, s.v. *Anakonda* “südamerikanische ungiftige Riesenschlange”).

³ Em relação a essas unidades léxicas, Hausmann (1990, p. 232) chega a sugerir que, pelo menos em alguns casos, a definição seria inútil, uma vez que “l’importance des différents éléments de l’article *varie* selon la nature du signe décrit”.

2. As ilustrações nos dicionários semasiológicos

Ison (1987, p. 71) acredita que “definition is curiously analogous to illustration. But whereas illustration is essentially a non-linear display [...] that uses extra-linguistic means, definition is essentially linear and intra-linguistic”. Em dicionários pela imagem, por exemplo, que não contêm informação sobre o significado, a ilustração assume a função da definição lexicográfica (cf. SCHOLZE-STUBENRECHT, 1989, p. 1103). Pressupondo a existência de um paralelismo entre definição e ilustração nos dicionários semasiológicos, o emprego de elementos pictóricos pode ser entendido como uma técnica definitória, denominada “definição ostensiva” (cf. SCHLAEFER, 2002)⁴, ou ainda “substituição ostensiva” (cf. BUGUEÑO, 2009). Entretanto, o uso de ilustrações como um recurso de elucidação do significado análogo ao parafrástico não é um consenso entre os estudiosos. Para Zgusta (1971, p. 256-257), por exemplo, as imagens, embora realmente possam contribuir para aumentar o poder informativo do dicionário, deveriam ser tratadas apenas como um elemento acessório. Landau (2001, p. 143-147), por sua vez, seguindo o raciocínio de Zgusta (1971), hesita em atribuir às imagens o mesmo peso de uma descrição verbal. Há, por outro lado, autores que defendem o uso pródigo de ilustrações em dicionários de língua, mas não (ou não somente) como um recurso de elucidação do significado, e sim como uma forma de proporcionar aos consulentes informações enciclopédicas. É o caso de Gangla (2001), que analisa a utilidade das ilustrações para a aprendizagem e memorização das chamadas *culture-specific words* em dicionários de línguas africanas⁵.

Do nosso ponto de vista, no entanto, as ilustrações em obras lexicográficas devem ser entendidas estritamente como mecanismos de elucidação do significado. Uma imagem torna-se uma informação funcional em um dicionário semasiológico, na medida em que, consoante Kammerer (2002, p. 271), permite identificar um determinado objeto de forma mais rápida e mais simples do que uma descrição linguística permitiria na mesma situação. Partindo dessa concepção, analisaremos os elementos pictóricos presentes em dicionários semasiológicos sob quatro aspectos: (a) a relação entre o tipo de dicionário e o uso de ilustrações, (b) o potencial de representação da imagem, (c) a qualidade e (d) a articulação das ilustrações com outros componentes do dicionário.

2.1. A relação entre o tipo de dicionário e o uso de ilustrações

A tipologia de Engelberg; Lemnitzer (2004, p. 21), ao utilizar o critério de classificação segundo grupos determinados de usuários, opõe o dicionário geral [*Allgemeinwörterbuch*] aos dicionários didáticos [*didaktisches Wörterbuch*]. Entre os últimos, distinguem-se cinco genótipos: *learner's dictionary* [*Lernerwörterbuch*], dicionário do vocabulário fundamental [*Grundwortschatzwörterbuch*], dicionário infantil [*Kinderwörterbuch*], dicionário escolar [*Schulwörterbuch*] e dicionário para o ensino fundamental [*Grundschulwörterbuch*], sendo que os dois primeiros estão destinados aos aprendizes de uma língua estrangeira, e os três últimos, aos aprendizes da língua materna.

⁴ Para Hartmann; James (2001, s.v. *ostensive definition*), essa técnica designa também as paráfrases que explicam o significado “by pointing directly at an object, or indirectly by association with an object (e.g. ‘blue: the colour of the sky’)”.

⁵ As *culture-specific words* são também chamadas de *culture-bound words* (cf. ZGUSTA, 1971, p. 294) ou *realia* (cf. DUBOIS et al., 1999, s.v. *realia*). São termos de uma dada língua que designam uma realidade particular de uma cultura. Gangla (2001) oferece como exemplos as designações para diversos tipos de cestos na língua luu, bem como as designações para diferentes raças bovinas em Botsuana.

A análise dos elementos pictóricos em dicionários de língua demonstra uma significativa preferência pelo uso em obras para aprendizes, tanto de língua materna como de língua estrangeira. Reforça-se, assim, a ideia de que a importância das ilustrações varia conforme o tipo de dicionário: “The more elementary or pedagogical the work is, the more useful are illustrations” (cf. LANDAU, 2001, p. 147). Fica evidente, portanto, que a presença de ilustrações está atrelada não à impossibilidade de se gerar paráfrases definidoras completamente satisfatórias em todos os casos, mas a uma potencial inaptidão do consulente para compreendê-las.

Em vista disso, não surpreende o fato de que os elementos pictóricos sejam tão escassamente aproveitados em dicionários gerais. De acordo com Landau (2001, p. 143), nenhum dos principais dicionários para falantes nativos publicados pela Oxford, Collins ou Chambers é ilustrado. A situação parece repetir-se em outras tradições lexicográficas, como a hispânica. DRAEe (2001) e DUEe (2001), por exemplo, nem mesmo em suas versões eletrônicas apresentam ilustrações. O mesmo acontece com os dicionários brasileiros MiE (1998), AuE (2009) e HouE (2009)⁶.

Uma notável exceção, no âmbito da lexicografia hispânica, é DIVOX (1997), que apresenta numerosos quadros ilustrativos, organizados em torno de vinte eixos temáticos. A sua concepção de ilustração como recurso de elucidação do significado é semelhante à que defendemos neste trabalho:

Quando entramos en el mundo de las cosas concretas, seres naturales, o productos de la actividad humana, con frecuencia no cabe definición [...]. A menudo la explicación verbal es insuficiente para dar la imagen de una cosa al lector que no la tiene de antemano. Entonces es necesario apelar al dibujo, no como simple ilustración decorativa del libro, sino como explicación gráfica de la palabra. (DIVOX, 1997, p. XXXIII)

Um exemplo de dicionário geral de língua portuguesa ilustrado é DPC (2004). No entanto, apesar de fenotipicamente não corresponder ao que se espera de um dicionário de cunho didático, DPC (2004) apresenta-se como destinado prioritariamente ao uso escolar:

Este dicionário dirige-se àqueles que se servem da língua escrita em algum momento da vida social e, especificamente, aos escolares não só do ensino médio, mas até dos primeiros anos do ensino superior de qualquer área. Assim, ele se coloca como um ponto de apoio para o professor em sala de aula. (DPC, 2004, p. VII)

Ao contrário de DIVOX (1997), contudo, DCP (2004) não é muito farto em ilustrações, tampouco formula critérios claros para justificar a inclusão desses elementos.

No que concerne aos dicionários para aprendizes da língua materna, o emprego desse recurso costuma ser apontado como um traço distintivo em relação a outras obras (cf., por exemplo, HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *children's dictionary* e s.v. *school dictionary*). A tipologia proposta pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) em sua avaliação de 2006, por sua vez, representa muito bem a concepção segundo a qual a funcionalidade de uma ilustração restringir-se-ia aos casos em que o consulente não tem um domínio completo da

⁶ Os dicionários eletrônicos abrem novas possibilidades de armazenamento e apresentação das informações em relação aos dicionários impressos. Em dicionários eletrônicos seria possível, por exemplo, incluir um número bem maior de ilustrações, inclusive coloridas, a custos bem mais acessíveis. Além disso, é possível inserir arquivos de som e imagem (cf. BURKE, 2003; WELKER, 2004, p. 225-233; LEW, 2009). Tais recursos, entretanto, não são completamente explorados. Na maioria das vezes, o dicionário eletrônico é uma simples transposição da obra em papel para o formato digital.

língua. Assim, pois, enquanto os dicionários de tipo 1 e 2 (parcialmente correspondentes ao *Kindewörterbuch*) devem trazer ilustrações, na medida em que se destinam a usuários em fase de alfabetização, nos dicionários de tipo 3 (parcialmente correspondente ao *Schulwörterbuch*), cujo público-alvo são os alunos das séries finais do ensino fundamental, o emprego de ilustrações é facultativo (cf. KRIEGER, 2006)⁷. Deve-se destacar, ainda, que não somente a frequência do uso de elementos pictóricos difere em função do tipo de dicionário, mas também o estilo das ilustrações (cf. LANDAU, 2001, p. 389). Em dicionários de tipo 1 e 2, nota-se uma predileção por imagens coloridas, como vemos no exemplo a seguir:



Fig. 1 – Ilustração de DCR (2005, p. 17).

É evidente que as ilustrações em DCR (2005) são um elemento decorativo para atrair a atenção da criança e não um recurso eficaz de elucidação do significado. Isso, segundo Castillo; García (2003, p. 337), é o que ocorre na maioria dos dicionários infantis ilustrados, a

⁷ Abster-nos-emos de discutir a tipologia proposta pelo PNLD. Entretanto, cremos que é arriscado afirmar que existem, no Brasil, obras específicas para cada um dos diferentes públicos do ensino básico. Sobre os desajustes entre os dicionários escolares e as necessidades do seu público-alvo, cf. Damim (2005) e Farias (2009c).

exemplo de MDHou (2005), DILP (2005) e AuI (2009). Frisamos, ainda, que as ilustrações são, muitas vezes, utilizadas como estratégia de *marketing* (cf. FARIAS, 2009c, 60-66).

Em dicionários de tipo 3, por outro lado, não há uma regularidade no emprego de ilustrações. Alguns dicionários com títulos tradicionais, como MiHou (2004) e MiAu (2005), seguindo a tendência majoritária dos dicionários gerais, não incluem ilustrações. Os dicionários escolares que optam pelo uso de elementos pictóricos, preferem desenhos pequenos e em preto e branco, como no exemplo a seguir:

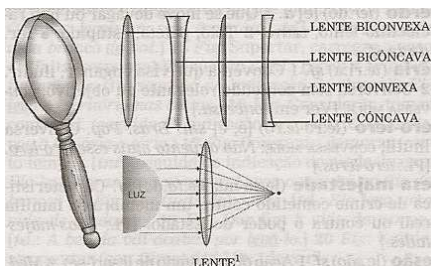


Fig. 2 – Ilustração de MiCA (2004, p. 489).

O padrão e a forma de apresentação das ilustrações em MiCA (2004) é seguido também em DCP (2004), que, como vimos, é um dos raros casos de dicionários gerais de língua portuguesa ilustrados.

Finalmente, os *lerner's dictionaries* que fazem uso de elementos pictóricos costumam, a exemplo dos dicionários escolares, disponibilizar gravuras em preto e branco⁸. A diferença é que essas obras utilizam ilustrações com mais frequência e tendem a apresentar quadros temáticos, de um modo similar ao que se verifica nas obras enciclopédicas e também nos dicionários pela imagem:

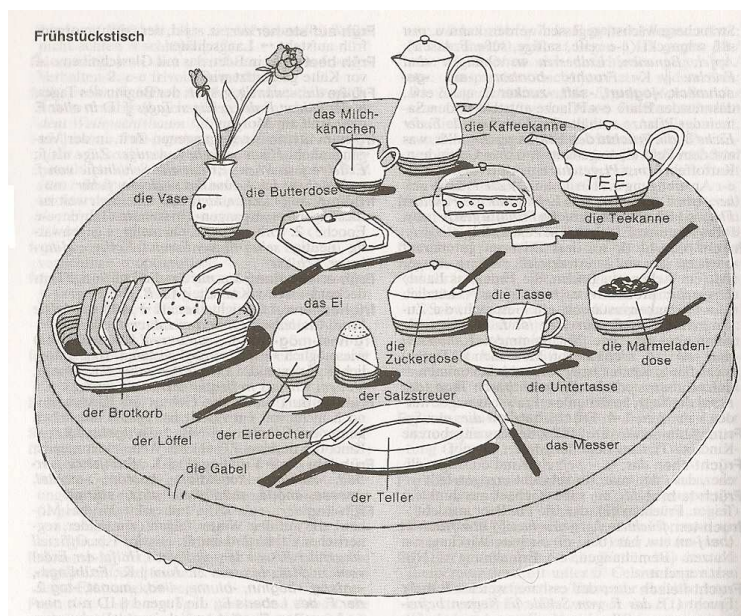


Fig. 3 – Ilustração de LGDaF (2008, p. 414).

⁸ Uma das exceções seria LTWDaF (2003), que, além de alguns desenhos pequenos em preto e branco, oferece também várias ilustrações coloridas, que ocupam uma página inteira.

2.2. O poder de representação da ilustração

Primeiramente, deve-se reconhecer que o número de unidades léxicas passíveis de representação por meio de uma ilustração é bastante limitado. Com efeito, Stein (1991, apud GANGLA, 2001, p. 52) distingue apenas quatro tipos principais de ilustrações em dicionários:

- a) imagens que representam animais, plantas e objetos;
- b) imagens que mostram formas, ações e detalhes sutis que são difíceis de explicar por meio de palavras;
- c) imagens que descrevem objetos relacionados, a fim de destacar as diferenças entre eles;
- d) imagens que mostram o significado básico ou físico de palavras que são comumente usadas em um sentido abstrato ou figurado.

Gangla (2001) menciona, ainda, as ilustrações de *culture-specific words* (especialmente em relação aos dicionários de línguas africanas). Essa seria, aliás, uma boa opção para a descrição dos *realia*, tanto em *learner's dictionaries* como em dicionários bilíngues.

Quanto aos tipos de unidades léxicas passíveis de uma representação bem sucedida por meio de imagens, não há muitas divergências (cf., por exemplo, LANDAU, 2001; BURKE, 2003). É, evidentemente, mais fácil, por exemplo, identificar o referente extralinguístico *nêspera* em AuI (2009) por meio da ilustração, do que por meio da definição:



Fig. 4 – Ilustração de AuI (2009, p. 343).

Os nomes de plantas, frutos e animais, aliás, são unidades léxicas para as quais os dicionários dificilmente conseguem oferecer paráfrases satisfatórias. O problema em se obter boas definições, nesses casos, está relacionado com a natureza do objeto a ser definido (cf. FARIAS, 2009a). Nessas circunstâncias, a ilustração pode desempenhar um papel muito importante em relação à elucidação do significado. O dicionário pode, ainda, potencializar a capacidade de representação da ilustração oferecendo ao leitor quadros com imagens de entidades pertencentes à mesma classe, a fim de ressaltar as diferenças (muitas vezes, sutis) entre as mesmas:

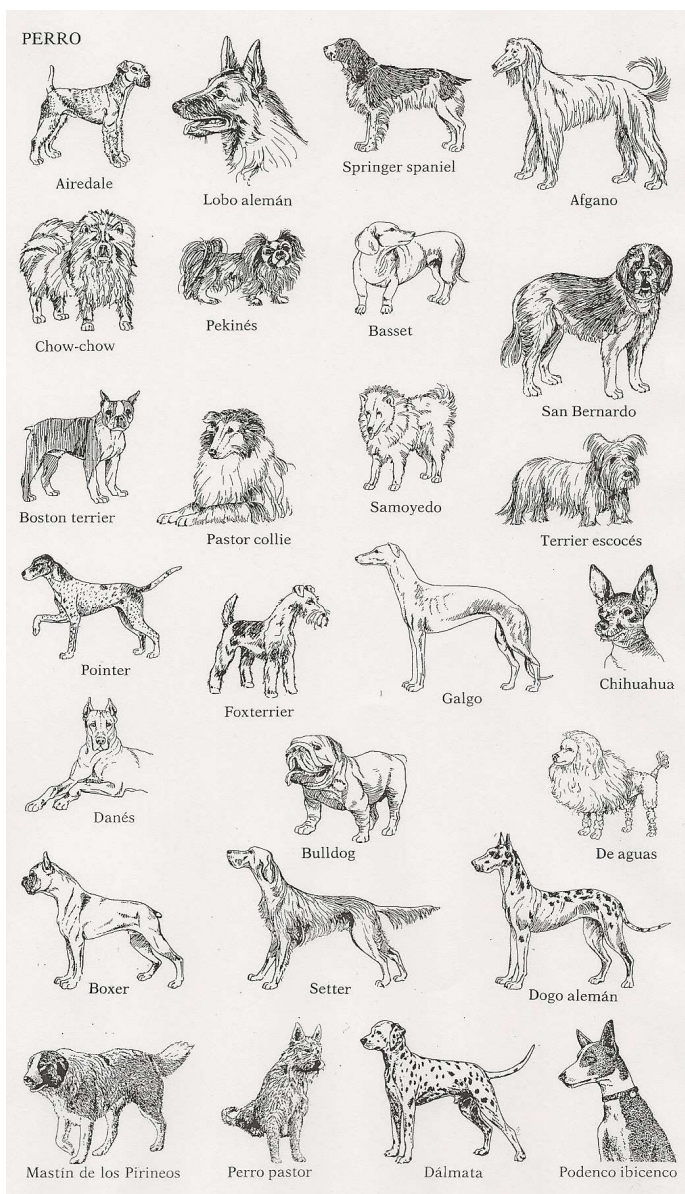


Fig. 5 – Ilustração de DIVOX (1997, p. 841).

Nesse caso, as definições de cada uma das raças de cachorros poderiam, inclusive, ser preteridas em favor das ilustrações, na medida em que estabelecer uma diferença, por exemplo, entre *dogo alemán* e *pointer* através de uma imagem é bem mais prático e econômico do que seria por meio de uma descrição linguística exaustiva⁹.

A identificação das unidades léxicas que podem ser representadas por meio de imagens em dicionários semasiológicos, contudo, não garante a funcionalidade desse recurso em todos os casos. A análise dos dicionários demonstra que o poder elucidativo das ilustrações não é sempre igual, mesmo nas ocasiões em que elas constituem um mecanismo lícito de explanação do significado. É possível apontar pelo menos duas razões para isso: (a) a dificuldade de representação por meio de uma imagem inerente à natureza da unidade léxica e (b) a escolha mal sucedida da imagem que ilustra o dicionário.

⁹ Evidentemente, o poder de representação da ilustração depende também da qualidade da imagem, fator que discutiremos apenas na próxima seção.

Em relação ao primeiro problema, é preciso diferir entre as unidades léxicas para as quais a representação através de uma ilustração é praticamente impossível (por exemplo, os verbos modais, os adjetivos, os advérbios, as palavras gramaticais¹⁰), e as unidades léxicas que podem receber esse tratamento, mas cujos resultados nem sempre são os mais satisfatórios (por exemplo, os substantivos abstratos de ação e os verbos):



Fig. 6 – Ilustração de MDHou (2005, p. 108).

A ilustração apresentada acima não poderia ser interpretada corretamente se o leitor não tivesse à sua disposição a definição correspondente. De acordo com Santaella; Nöth (2008, p. 54-55), uma imagem pode ser: (a) redundante, quando é menos importante que o texto, (b) informativa, quando é mais importante que o texto¹¹, (c) complementar, quando há uma equivalência entre texto e imagem, e (d) discrepante ou contraditória, quando é difícil recobrar a relação entre texto e imagem. A ilustração de MDHou (2005, p. 108), como informação redundante, não é informativa para o consulente. Além disso, como vimos, a ilustração é funcional quando permite identificar o referente extralinguístico de forma mais simples e rápida do que uma paráfrase. MDHou (2005) poderia, perfeitamente, eliminar a ilustração, que, nesse caso, não tem funcionalidade. Apresentamos outro exemplo a seguir:

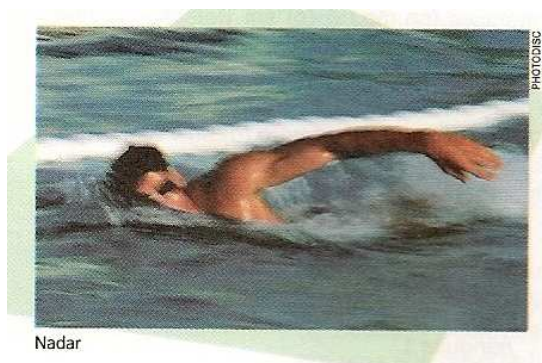


Fig. 7 – Ilustração de SJDI (2005, p. 249).

¹⁰ Uma exceção talvez sejam as preposições que indicam localização espacial e as que expressam movimento. É possível encontrar uma tentativa bem sucedida de representação, por meio de ilustrações, das preposições do inglês em DOPI (2005, p. 286-287) e do alemão em LTWDaF (2003, p. 442-443).

¹¹ Esse seria o caso das ilustrações de plantas, frutos e animais, como vimos anteriormente.

Neste caso, deve-se questionar a real necessidade de se fornecer uma ilustração como complemento da definição “Sustentar-se e mover-se sobre ou sob a água” (SJDI, 2005, s.v. *nadar*), que já seria suficientemente elucidativa. O texto e a imagem apresentados estão em uma relação de complementaridade. Entretanto, se concordamos em que uma imagem só será funcional quando a definição, por si só, não dá conta de elucidar o significado, a ilustração de *nadar* pode ser considerada supérflua.

Ainda com relação aos verbos, destacamos o quadro ilustrativo apresentado em LTWDaF (2003):

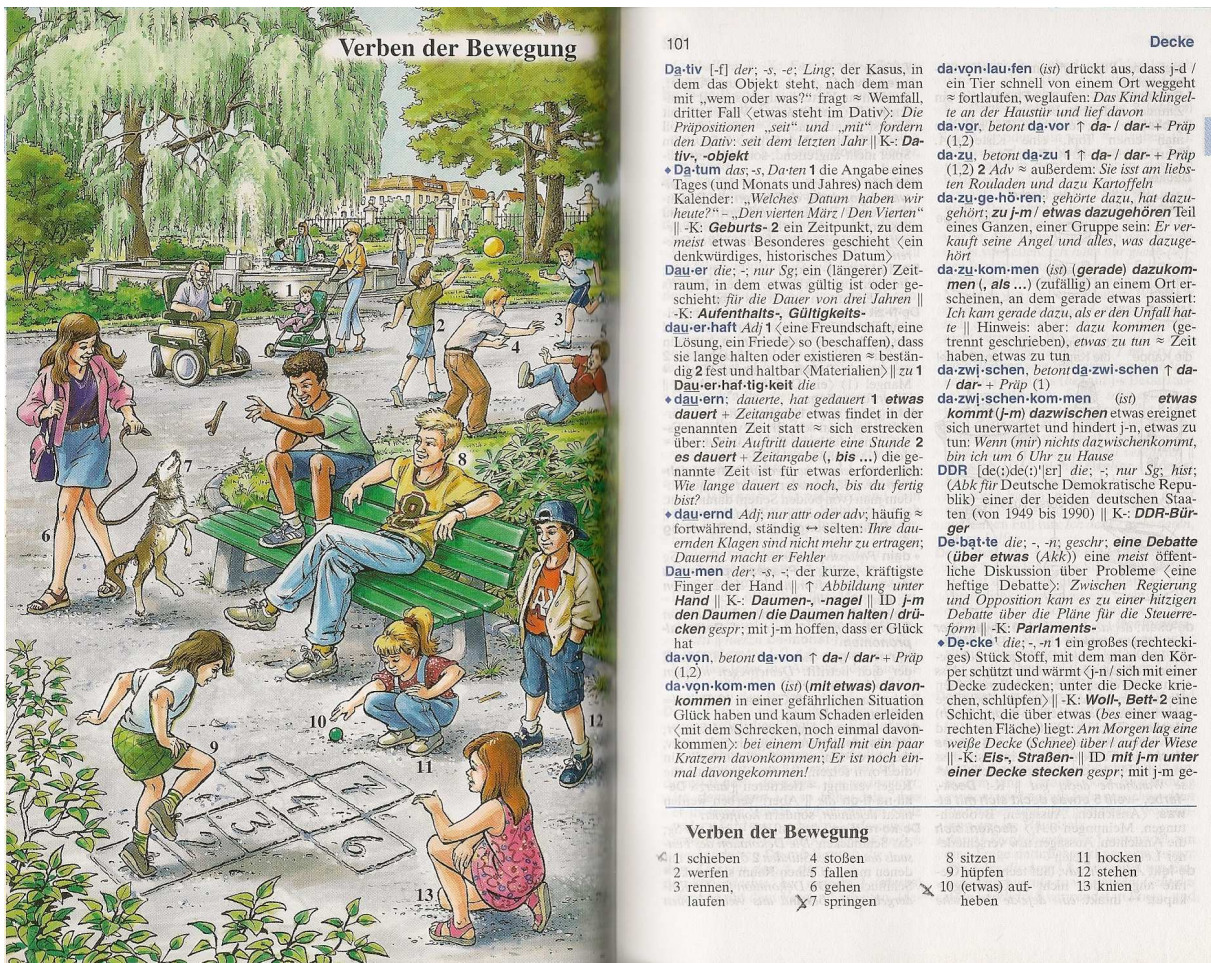


Fig. 8 – Ilustração de LTWDaF (2003, p. 100-101).

A ilustração apresentada, como no caso de *esconder* em MDHou (2005), não é suficiente. Entretanto, ela serve para ajudar a compreender as paráfrases definidoras, que tampouco conseguem ser sempre completamente elucidativas. A definição “etwas *meist* relativ langsam durch Drücken irgendwohin bewegen, mit Kontakt zum Boden” (LTWDaF, 2003, s.v. *schieben*) pode ser melhor compreendida quando associada à imagem indicada pelo número 1. Estabelece-se uma relação de complementaridade entre texto e imagem. A presença da ilustração, ao contrário do que ocorre com o verbo *nadar* em SJDI (2005), justifica-se na medida em que LTWDaF (2003) é um dicionário destinado a aprendizes de alemão como língua estrangeira, que ainda podem encontrar alguma dificuldade para compreender a definição apresentada.

As cinco ilustrações reproduzidas nesta seção, mesmo que nem sempre consigam alcançar seu objetivo como mecanismos de elucidação do significado, foram selecionadas com critério. Há, contudo, situações nas quais a escolha das imagens que ilustram o dicionário não é tão bem sucedida:



Fig. 9 – Ilustração de AuI (2009, p. 347).

A fotografia acima ilustra o verbete *núpcias* em AuI (2009). Entretanto, é evidente que a imagem em questão não tem valor funcional quanto à elucidação do significado. Um exemplo similar é apresentado a seguir:



Fig. 10 – Ilustração de SJDI (2005, p. 192).

Em SJDI (2005), apresenta-se, para o substantivo *lã*, a fotografia de ovelhas em um campo. Há, nesse caso, uma relação de discrepância entre texto e imagem. Acreditamos que essa ilustração estaria mais corretamente localizada ao lado verbete relativo a *ovelha*, que, aliás, não aparece ilustrado no referido dicionário.

2.3. A qualidade da ilustração

A qualidade da ilustração é uma questão fundamental, uma vez que afeta diretamente o poder de representação da imagem. Os problemas mais importantes atinentes à qualidade da ilustração são: (a) a técnica de produção, (b) o uso ou não de cores e (c) as proporções da imagem¹². Essas questões, por sua vez, se inter-relacionam.

No que diz respeito à técnica de produção, discute-se se seria mais útil apresentar desenhos ou fotografias. Para Landau (2001), fotografias representam objetos individualizados, enquanto desenhos, ao combinarem traços de muitos indivíduos, constituem uma representação arquetípica (a esse respeito, cf. também SCHOLZE-STUBENRECHT, 1989, p. 1105). Além disso, uma fotografia precisa ser muito maior do que um desenho para dar a ideia de perspectiva. Sendo assim, Landau (2001, p. 145) acredita que “If a drawing is done well, it is usually more informative, with its details more readily apparent, than any photograph”. A análise dos dicionários, no entanto, prova que o fato de se trabalhar com desenhos ou com fotografias não interfere, de modo decisivo, no poder elucidativo da imagem. Um dicionário como AuI (2009), que utiliza exclusivamente fotografias, apresenta os mesmos problemas de dicionários como DCR (2005) e MDHou (2005), que trazem apenas desenhos. Tampouco a combinação das duas técnicas – fotografia e desenho – feita em SJDI (2005) evidencia uma escolha criteriosa do método a ser empregado em cada caso.

A questão do uso ou não de cores, a nosso ver, é mais importante do que o problema da técnica de produção. A impressão colorida é um fator crucial para que se possa diferenciar, em uma fotografia ou desenho, frutas como, por exemplo, *cereja* e *jabuticaba*, ou ainda *amora* e *framboesa*. Observemos o seguinte quadro ilustrativo extraído de OALD (2005):

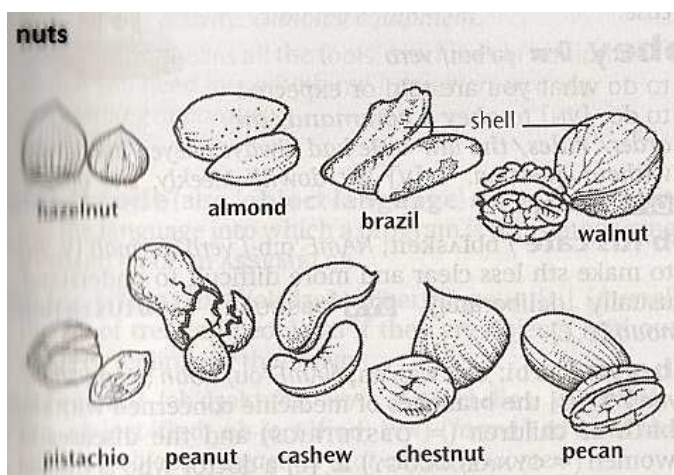


Fig. 11 – Ilustração de OALD (2005, p. 1043).

Imagens coloridas, nesta situação, ajudariam o consulente a identificar as diferenças entre os frutos. Nesse aspecto, por outro lado, a ilustração de *cereja* apresentada em AuI (2009, p. 98) é exemplar. Compartilhamos nossa opinião com Burke (2003), que menciona,

¹² Embora este problema atinja, felizmente, poucas obras, não poderíamos deixar de mencionar a falta de qualidade gráfica das ilustrações. As gravuras de *tarântula* e *vitória-régia* apresentadas em MiRR (2005), bem como as de *astrolábio* e *vagem* em MiCA (2004), devido à sua má qualidade, não permitem que o consulente possa ter uma idéia clara dos referentes extralinguísticos aos quais as unidades léxicas em questão se aplicam.

entre outros, as designações para cores, as raças de cachorros, as espécies de árvores e os tipos de frutos, como casos em que o uso de ilustrações coloridas é um imperativo. O autor, no entanto, não perde de vista que a impressão colorida é um processo caro, que deveria ser considerado apenas quando fosse absolutamente necessário. Nesse sentido, dicionários eletrônicos poderiam representar um avanço em relação aos dicionários impressos, já que disponibilizam muito mais espaço, e a um custo bastante reduzido (cf. BURKE, 2003, p. 248-249).

Por fim, com relação às dimensões da imagem, Kammerer (2002) salienta que, muitas vezes, a proporção de tamanho dos objetos não é resguardada. Em DILP (2005), as representações de *coco*, *maçã* e *noz* têm aproximadamente o mesmo tamanho. Em casos de referentes extralingüísticos desconhecidos do consultante, a desproporção das imagens pode transmitir uma ideia falsa acerca do objeto ilustrado. Um exemplo disso é a representação de alguns animais polares em DMJE (1998):



Fig. 12 – Ilustração de DMJE (1998, p. 778).

2.4. A articulação das ilustrações com outros componentes do dicionário

Um dicionário é uma estrutura composta de diferentes níveis de estruturação: macro, micro e medioestrutura¹³, além do *outside matter*, que se subdivide em *front* (material que antecede as nomenclaturas principais), *middle* (elementos interpolados na microestrutura, entre os quais se encontram as ilustrações) e *back matter* (material localizado após as nomenclaturas principais). É fundamental que se estabeleça uma perfeita articulação entre todos os componentes do dicionário, posto que “the text of the reference work is the place where they both [*i.e.* usuário e compilador] meet, where the information ‘in question’ can be correctly located by the compiler and retrieved by the user” (HARTMANN, 2001, p. 62).

É necessário, portanto, construir um sistema medioestrutural que estabeleça uma conexão adequada entre o *middle matter* (ilustrações) e a microestrutura (verbetes), por um lado, e entre o *middle matter* (ilustrações) e o *front matter*, por outro. Hartmann; James (2001, s.v. *illustration*) afirmam que a relação entre uma ilustração apresentada e o verbete ao qual

¹³ A macro e a microestrutura são, segundo Hartmann; James (2001, s.v. *structure*), os níveis fundamentais de estruturação de um dicionário. À macroestrutura, são concernentes todas as questões relacionadas com o estabelecimento do número de unidades léxicas arroladas, com o tipo de unidade registrada e com a sua disposição no dicionário (cf. BUGUEÑO, 2005; 2007; BUGUEÑO; FARIAS, 2008). A definição microestrutural envolve a elaboração de um modelo funcional de microestrutura e a fixação de um programa de informações (cf. WIEGAND, 1989a; 1989b; HAUSMANN; WIEGAND, 1989, p. 340-349; BUGUEÑO; FARIAS, 2006). Por fim, a medioestrutura constitui o sistema de remissões do dicionário (cf. HARTMANN; JAMES, 2001, s.v. *cross-reference structure*; BUGUEÑO, 2008a).

ela corresponde nem sempre é claramente estabelecida. Acreditamos que o ideal seria apresentar a ilustração na mesma página onde se encontra o verbete ao qual ela corresponde. Esse procedimento é adotado, por exemplo, em MDHou (2005). No entanto, quando as ilustrações são muito grandes, ou quando a entidade representada aparece junto a outras da mesma espécie em um quadro comparativo, isso não é possível. Nesse caso, o verbete deve conter um índice remissivo, que indique ao consulente a localização exata da ilustração, como ocorre em LGDaF (2008). O dicionário apresenta os verbetes *Ente*¹ e *Schwan*, respectivamente, nas páginas 330 e 956, enquanto as ilustrações aparecem na página 424, logo abaixo do verbete *Gans*. Existem, entretanto, indicações precisas, tanto no interior do verbete *Ente*¹ como no interior do verbete *Schwan*, acerca da localização do elemento iconográfico correspondente: “**Ente**¹ *die; -, -n 1. ein (Schwimm)Vogel mit breitem Schnabel u. kurzem Hals <die E. quakt, schnattert> || ↑ Abb. unter Gans [...]”* (LGDaF, 2008, s.v. *Ente*¹) e “**Schwan** *der; -(e)s, Schwä•ne; ein grosser weisser Vogel mit e-m langen Hals, der auf Seen u. Flüssen lebt || ↑ Abb. unter Gans [...]”* (LGDaF, 2008, s.v. *Schwan*).

A ausência de um índice remissivo na microestrutura, por sua vez, é uma falha grave. DELE (2002, s.v. *pavo*), por exemplo, apresenta, como sub-entrada, *pavo real*. Abaixo desse verbete, encontramos, muito bem localizada, a ilustração de *pavo común*. A ilustração de *pavo real*, no entanto, é apresentada somente na página seguinte, sem que seja feita nenhuma remissão a partir do verbete correspondente a *pavo*.

Por fim, um dicionário ilustrado deve apresentar, no *front matter*, uma lista, ou índice, das ilustrações contidas na obra, a fim de que estas possam ser acessadas diretamente. A ausência dessa lista constitui uma falha do dicionário (cf. KAMMERER, 2002, p. 260-263). O sistema medioestrutural, nesse caso, deve relacionar o *front matter* (índice de ilustrações) com o *middle matter* (ilustrações interpoladas na microestrutura). A maioria dos dicionários analisados, sem embargo, não apresenta um índice de ilustrações. DIVOX (1997) é uma exceção. O dicionário inclui um “índice de ilustraciones por materias”, que agrupa as ilustrações segundo a área de conhecimento à qual correspondem (cf. DIVOX, 1997, p. XIII-XIV), e um “índice alfabético de ilustraciones”, que lista todos os quadros ilustrativos apresentados a partir da legenda, indicando a página onde podem ser encontrados (cf. DIVOX, 1997, p. XV-XVI).

3. Considerações finais

Os subsídios teóricos que a (meta)lexicografia dispõe acerca das ilustrações são muito escassos. Conseqüentemente, problemas básicos relacionados com a inclusão de elementos pictóricos nos dicionários de língua ainda não foram resolvidos (cf. BUGUEÑO, 2008b). Por essa razão, um estudo propositivo acerca do uso de ilustrações em dicionários de língua, neste momento, seria precipitado. cremos, no entanto, que a análise realizada neste trabalho constitui o primeiro passo nessa direção. A avaliação das ilustrações em dicionários semasiológicos, tendo em vista, especificamente, o seu potencial como recurso de elucidação do significado, permitiu-nos chegar às seguintes conclusões:

- o uso de ilustrações é um recurso sub-aproveitado em dicionários semasiológicos, especialmente nos dicionários gerais de língua. Uma das razões para isso é o fato de que a ilustração é vista como um dispositivo auxiliar para aprendizes de uma língua estrangeira ou crianças em processo de alfabetização, e não como um recurso capaz de cumprir o papel de uma definição que não consegue ser suficientemente elucidativa;

- mesmo quando as ilustrações são fartamente utilizadas (como ocorre nos dicionários infantis, por exemplo), seu potencial como mecanismo explanatório fica relegado a um segundo plano, na medida em que se enfatiza seu apelo comercial;
- nem todas as unidades léxicas são passíveis de representação por meio de ilustrações. Os verbos, conforme vimos, bem como os substantivos que exprimem ações, somente em alguns poucos casos poderiam ser bem representados por meio de elementos não linguísticos. Ainda assim, é preciso levar em conta que a ilustração, em algumas situações, poderá ser redundante. A princípio, os substantivos concretos constituem as unidades léxicas que, de forma incontroversa, seriam passíveis de representação por meio de uma imagem;
- finalmente, ainda que as ilustrações possam (e devam) ser usadas como um mecanismo de explanação do significado, o tipo de unidade léxica que requer uma explanação por meio de uma imagem varia conforme o tipo de dicionário. Um exemplo claro é a ilustração que mostra diversos verbos de movimento em LTWDaF (2003). Em um dicionário para falantes nativos, essa ilustração talvez fosse supérflua.

Um estudo propositivo acerca do uso de ilustrações como um mecanismo de elucidação do significado em dicionários semasiológicos deve responder a, pelo menos, duas questões fundamentais:

- a) qual é a pertinência da ilustração em um dicionário de língua?
- b) qual é o real poder elucidativo da ilustração em cada caso?

O problema da pertinência da ilustração somente poderá ser completamente solucionado no âmbito de uma teoria geral dos mecanismos explanatórios (cf. BUGUEÑO, 2009; BUGUEÑO; FARIAS, 2009a), uma vez que se admite que uma ilustração é funcional quando a definição não é (ou não é por si só) suficientemente elucidativa.

Em relação à segunda questão, assumimos como pressupostos para que uma ilustração constitua um mecanismo explanatório elucidativo: (a) a representação iconográfica deve permitir ao usuário estabelecer uma relação direta com o referente ao qual a designação em questão se aplica, (b) a ilustração deve ser de boa qualidade, o que implica uma boa resolução da imagem e, em muitos casos, o uso de cores, e (c) a medioestrutura do dicionário deve estabelecer uma rede de referências entre as ilustrações e a microestrutura, por um lado, e entre as ilustrações e o *front matter*, por outro, a fim de agilizar o acesso aos elementos iconográficos na obra.

Referências

- AuE. FERREIRA, A. B. de H. *O novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 4.ed. Curitiba: Positivo, 2009. (1 CD-ROM)
- AuI. FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio Ilustrado*. Curitiba: Positivo, 2009.
- BALDINGER, K. Alphabetisches oder begrifflich gegliedertes Wörterbuch? In: ZGUSTA, L. (Hrsg.). *Probleme des Wörterbuchs*. Darmstadt: WBG, 1985. p.40-57
- BENEDUZI, R. Análise das definições em quatro dicionários semasiológicos da língua portuguesa e propostas de emendas. *Ao Pé da Letra*, v.6, n.2, p.187-195, 2004.
- _____; BUGUEÑO, F.; FARIAS, V. Avanços na redação de um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Lusorama*, n.61/62, p.195-219, 2005.

- BOLINGER, D. Defining the indefinable. In: FONTENELLE, T. (Ed.). *Practical lexicography: A reader*. Oxford: OUP, 2008. p. 193-196
- BOSQUE, I. Sobre la teoría de la definición lexicográfica. *Verba*, v.9, p.105-123, 1982.
- BUGUEÑO, F. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. *Alfa*, v.53, n.1, p.243-260, 2009.
- _____. Os dicionários de falsos amigos. In: ENCONTRO DO CELSUL, 8., 2008, Porto Alegre. *Anais...* Pelotas: EDUCAT, 2008a. p.1-17
- _____. Panorama da lexicografia alemã. *Contingentia*, v.3, n.2, p.89-110, 2008b. (Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/-6508/4241>. Acesso em: 30.12.2008)
- _____. O que é macroestrutura no dicionário de língua? In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (Org.). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: Humanitas, 2007. p.261-272
- _____. O que o professor deve saber sobre a nominata do dicionário da língua. *Revista Língua & Literatura*, v.6/7, n.10/11, p.17-31, 2005.
- _____; FARIAS, V. S. Da microestrutura em dicionários semasiológicos do português e seus problemas. *Estudos da Língua(gem)*, 2010. [no prelo]
- _____; _____. *Avaliação de definições em dicionários monolíngues*. 2009a. Trabalho apresentado no II Seminário Integrado Nacional das Linguagens/FAPA. Porto Alegre, 05 de junho de 2009.
- _____; _____. Panorama crítico dos dicionários escolares brasileiros. *Lusorama*, v.77/78, p.29-78, 2009b.
- _____; _____. Desenho da macroestrutura de um dicionário escolar de língua portuguesa. In: BEVILACQUA, C.; HUMBLÉ, Ph.; XATARA, C. (Org.). *Lexicografia Pedagógica: Pesquisas e perspectivas*. Florianópolis: UFSC/NUT, 2008. p.129-167 (Disponível em: <http://www.cilp.ufsc.br/LEXICOPEd.pdf>. Acesso em: 25.10.2008)
- _____; _____. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. *Cadernos de Tradução*, n.18, p.115-135, 2006.
- BURKE, S. M. The design of online lexicons. In: STERKENBURG, P. (Ed.). *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2003. p.240-249
- CASTILLO, M. A.; GARCÍA, J. M. La lexicografía didáctica. In: MEDINA GUERRA, A. M. (Coord.). *Lexicografía española*. Barcelona: Editorial Ariel, 2003. p.333-351
- DAMIM, C. P. *Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar*. 2005. 233f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- DCR. *Dicionário do Castelo Rá-Tim-Bum*. Guarulhos: Salamandra, 2005.
- DELE. UNIVERSIDAD de Alcalá de Henares. *Señas: diccionario para la enseñanza de la lengua española para brasileños*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- DILP. MAFRA, J. et al. *Primeiros Passos: Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*. Belo Horizonte: Dimensão, 2005.
- DIVOX. GILI GAYA, S.; ALVAR EZQUERRA, M. *Diccionario general de la lengua española ilustrado*. Barcelona: Bibliograf, 1997.
- DMJE. LAROUSSE. *Diccionario Maxi Júnior de la lengua española*. 10.ed. Barcelona: Larousse, 1998.
- DOPI. *Dicionário Oxford Escolar para estudantes brasileiros de inglês*. Oxford: OUP, 2005.
- DPC. BORBA, F. *Dicionário do português contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 2004.
- DRAEe. REAL Academia Española. *Diccionario de la lengua española*. 22.ed. Madrid: Espasa Calpe, 2001. (Disponível em: <http://buscon.rae.es/draeI/>. Acesso em: 24.08.2009)

- DUBOIS, J. et al. *Dictionnaire de linguistique et des sciences du langage*. Paris: Larousse, 1999.
- DUEE. MOLINER, M. *Diccionario de uso del español*. Madrid: Gredos, 2001. (1 CD-ROM)
- ENGELBERG, S.; LEMNITZER, L. *Lexikographie und Wörterbuchbenutzung*. 2.ed. Tübingen: Stauffenburg, 2004.
- FARIAS, V. S. Considerações sobre a redação das glosas em um dicionário de falsos amigos espanhol-português. *Voz das Letras*, n.11, p.1-18, 2009a. (Disponível em: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/11/2.pdf>. Acesso em: 30.01.2009)
- _____. *Whole-sentence definition versus definição por genus proximum + differentiae specifica*: Um contraste entre duas técnicas definitórias. *Estudos da Linguagem*, v.17, n.1, p.73-100, 2009b.
- _____. *Desenho de um dicionário escolar de língua portuguesa*. 2009. 285f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009c.
- _____. O exemplo como informação discreta e discriminante em dicionários semasiológicos de língua portuguesa. *Alfa*, v.52, n.1, p.101-122, 2008. (Disponível em: <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v52-1/06-Farias.pdf>. Acesso em: 30.05.2008)
- FORNARI, M. K. *Parâmetros para o tratamento lexicográfico das palavras gramaticais*. 2008. 81f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- GANGLA, L. A. *Pictorial illustrations in dictionaries*. 2001. 84f. Dissertation (Magister Artium) – University of Pretoria, Pretoria, 2001. (Disponível em: <http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-02272003-142207/> Acesso em: 25.07.2010)
- GEERAERTS, D. Meaning and definition. In: STERKENBURG, P. (Ed.). *A practical guide to lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 2003. p.83-93
- HAENSCH et al. *La lexicografía*. De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, 1982.
- HANKS, P. Definitions and Explanations. In: HARTMANN, R. R. K. (Ed.). *Lexicography: Critical concepts III*. London/New York: Routledge, 2003. p.191-206
- HARTMANN, R. R. K. *Teaching and Researching Lexicography*. London: Longman, 2001.
- _____.; JAMES, G. *Dictionary of Lexicography*. London/New York: Routledge, 2001.
- HAUSMANN, F.J. La définition est-elle utile? Regard sur les dictionnaires allemands, anglais et français. In: CHAURAND, J.; MAZIÈRE, F. (Eds.). *La définition*. Paris: Larousse, 1990. p.225-233
- _____. Das Definitionswörterbuch. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989. p.981-988
- _____.; WIEGAND, H. E. Component Parts and Structures of General Monolingual Dictionaries: A survey. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989. p.328-360
- HOUÉ. INSTITUTO Antonio Houaiss. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva: 2009. (1 CD-ROM)
- ILSON, R.F. Towards a taxonomy of dictionary definitions. In: _____. (Ed.). *A spectrum of lexicography*. Amsterdam: John Benjamin, 1987.
- JACKSON, H. *Lexicography*. An introduction. London/New York: Routledge, 2002.
- KAMMERER, M. Die Abbildungen im *De Gruyter Wörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. In: WIEGAND, H. E. (Hrsg.). *Perspektiven der Pädagogischen Lexikographie des Deutschen II*. Untersuchungen anhand des *De Gruyter Wörterbuchs Deutsch als Fremdsprache*.

- Tübingen: Max Niemeyer, 2002. p.257-279 (Disponível em: <http://www.matthias-kammerer.de/content/MS2002AbbildungDeGruyter.pdf>. Acesso em: 27.07.2010)
- KRIEGER, M. da G. Políticas públicas e dicionários para escola: o Programa Nacional do Livro Didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. *Cadernos de Tradução*, n.18, p.235-252, 2006.
- LANDAU, S. *Dictionaries. The art and craft of lexicography*. 2.ed. Cambridge: CUP, 2001.
- LEW, R. New ways of indicating meaning in electronic dictionaries: hope or hype? In: ZHANG, Y. (Ed.). *Proceedings of the First International Symposium on Lexicography and L2 Teaching and Learning*. Shanghai: Shanghai Commercial Press, 2009. [in press] (Disponível em: http://www.staff.amu.edu.pl/~rlew/pub/Lew_New_ways_of_indicating_meaning.pdf. Acesso em: 27.07.2010)
- _____; DZIEMIANKO, A. Non-standard dictionary definitions: what they cannot tell native speakers of polish. *Cadernos de Tradução*, n.18, p.275-294, 2006a.
- _____; _____. A new type of folk-inspired definition in English monolingual learner's dictionaries and its usefulness for conveying syntactic information. *International Journal of Lexicography*, v.19, n.3, p.225-242, 2006b.
- LGDaF. GOETZ, D.; HAENSCH, G.; WELLMANN, H. *Langenscheidt Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin/München: Langenscheidt, 2008.
- LTWDaF. GÖTZ, D.; WELLMANN, H. *Taschenwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Berlin/München: Langenscheidt, 2003.
- MARTÍNEZ DE SOUZA, J. *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf, 1995.
- MDHou. INSTITUTO Antonio Houaiss. *Meu Primeiro Dicionário Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- MiAu. FERREIRA, A. B. de H. *Miniaurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 6.ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- MiCA. AULETE, F. J. C. *Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- MiE. MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998. (1 CD-ROM)
- MiHou. INSTITUTO Antonio Houaiss. *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MiRR. ROCHA, R; PIRES, H. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Scipione, 2005.
- NDW. GOETTERT, K-H. *Neues Deutsches Wörterbuch*. Köln: Helmut Lingen, 2007.
- OALD. HORNBY, A. S. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*. 7.ed. Oxford: OUP, 2005.
- POTTIER, B. A definição semântica nos dicionários. Tradução Maria Angela Botelho Pereira. In: LOBATO, L. M. P. (Org.). *A semântica na lingüística moderna: o léxico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. p.21-31
- RUNDELL, M. More than one way to skin a cat: Why full-sentence definitions have not been universally adopted. In: FONTENELLE, T. (Ed.). *Practical lexicography: A reader*. Oxford: OUP, 2008. p.197-209
- SANTAELLA, L.; NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- SCHLAEFER, M. *Lexikologie und Lexikographie. Eine Einführung am Beispiel deutscher Wörterbücher*. Berlin: Erich Schmidt, 2002.
- SCHOLZE-STUBENRECHT, W. Das Bildwörterbuch. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989. p.1103-1112

- SECO, M. *Estudios de Lexicografía Española*. 2.ed. Madrid: Gredos, 2003.
- SJDI. *Saraiva Júnior: dicionário da língua portuguesa ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 2005.
- SVÉNSEN, B. *Practical lexicography*. Principles and methods of dictionary-making. Oxford: OUP, 1993.
- WELKER, H. A. *Dicionários*. Uma pequena introdução à lexicografia. 2.ed. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WERNER, R. Semasiologische und enzyklopädische Definition im Wörterbuch. In: GOETZ, D.; HERBST, T. (Hrsgn.). *Theoretische und praktische Probleme der Lexikographie*. München: Max Hueber, 1984. p.382-407
- WIEGAND, H. E. Der Begriff der Mikrostruktur: Geschichte, Probleme, Perspektiven. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Band 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989a. p.409-462
- _____. Arten von Mikrostrukturen im allgemeinen einsprachigen Wörterbuch. In: HAUSMANN, F. J. et al. (Hrsgn.). *Wörterbücher, dictionaries, dictionnaires*. Ein internationales Handbuch zur Lexikographie. Band 1. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1989b. p.462-501
- ZGUSTA, L. *Manual of Lexicography*. Prague/Paris: Academia/Mouton, 1971.